

Fragmentos do diálogo epistolar entre Afonso Lopes Vieira e Manuel Teixeira Gomes

Cristina Nobre*

Mais de um século passado sobre as trocas epistolares de dois homens incontornáveis na cultura portuguesa do início do séc. XX, e mais de 80 anos sobre as suas mortes – Afonso Lopes Vieira (ALV: 1878-1946) e Manuel Teixeira Gomes (MTG: 1860-1941) – as missivas trocadas entre os dois revelam um relacionamento cúmplice e inesperado.

Praticamente duas décadas mais velho do que ALV, MTG, nascido em Vila Nova de Portimão, é figura nacional da vida política portuguesa: entre 1923 (eleito em sessão do Congresso de 6 de agosto) e 1925 (11 de dezembro, data da renúncia) foi o 7.º Presidente da República. Democrata e republicano desde jovem, colaborou no diário *A Lucta*, de Brito Camacho. Com a implantação da República exerce o cargo de ministro de Portugal em Londres, entre 1911 até ao consulado de Sidónio Pais, que o demite. Mas em 1919, depois da morte de Sidónio, é ministro de Portugal em Madrid por curto período, até ser reconduzido de novo às funções na embaixada de Londres. Em 1922 é delegado de Portugal junto da Sociedade das Nações. Depois da renúncia presidencial, embarca no paquete grego “Zeus”, a 17 de dezembro de 1925, faz um longo périplo e acaba por se fixar, em 1931, em Bougie, na Argélia, onde morreu, sem nunca mais ter regressado a Portugal. Os seus restos mortais foram trasladados (a bordo do torpedeiro “Dão”) em 1950, para Portimão. Foi agraciado em cerimónia fúnebre com a Grã-Cruz das 3 Ordens Militares, a Legião de Honra e altas condecorações inglesas.

A sua obra literária apresenta a fase anterior e a posterior ao autoexílio. Desde 1895, tinha estabelecido contactos com o meio literário lisboeta, incen-

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria.

tivo para publicar a sua primeira obra: *Inventário de Junho*, em 1899. Em 1903 e 04 seguem-se, respetivamente, *Cartas sem Moral nenhuma* e *Agosto azul*, e o drama *Sabina Freire* no ano seguinte, *Desenhos e Anedotas de João de Deus*, em 1907 e *Gente Singular*, em 1909. O longo hiato da vida política ativa fará que as próximas obras – *Cartas a Columbano* (1932), *Regressos* e *Nove-las Eróticas* (ambas de 1935) – apareçam já depois dos setenta anos, em edição da Seara Nova, embora algumas das da primeira fase tivessem sido reeditadas. Em 1937 publicará *Miscelânea* (*Carnaval Literário* corresponde à 2.^a parte de *Miscelânea*, e é de 1939) e *Maria Adelaide*, no ano seguinte. *Ana Rosa* sairá em 1941, mas *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas* já sairá depois da sua morte, em 1942. A partir de 1984, a ed. Bertrand publicou os vários vols. das “Obras Completas de TG” (alguns subsidiados pelo Instituto Português do Livro e da Leitura); em 2009, a Imprensa Nacional inicia nova série editorial completa e, em 2021, disponibiliza as obras de MTG editadas em www.impresnanacional.pt, tornando a sua leitura acessível.

ALV é notado e notável pela sua obra poética (vd. Nobre 2005, I e II), começada a publicar logo em 1897, com apenas 19 anos em edição de autor (*Para Quê?*), e encerrada em 1940 com *Onde a terra se acaba e o mar começa*, porém intercalada com as suas muitas intervenções de imprensa na vida social e cultural (vd. Nobre, 2011), dezenas de conferências, restituições de obras canónicas, seleções de clássicos como Garrett, Camões ou Rodrigues Lobo, e, apenas uma ocasional e juvenil experiência narrativa. Muito menos estudada é a sua participação na vida política. No entanto, a sua amizade com alguns republicanos ilustres (Teófilo Braga, Bernardino Machado, Afonso Costa, José Relvas...) indicará algo mais do que um círculo de amizades alargado e heterogéneo. Se o cargo de redator da Câmara dos Deputados¹ foi exercido por si desde 1900 (depois de concluído o curso de Direito) até 1916 (quando resolve abandoná-lo e dedicar-se em exclusivo à escrita), pode compreender-se que a mudança da Monarquia Constitucional para a República o tornasse *persona grata* e estimada do complexo e ondulante meio político português no cambiante e turbulento início de novecentos.

É nestes interstícios de difícil ligação que a correspondência epistolar pode, muitas vezes, servir de fonte fidedigna e revelar sinais para estabelecer mais laços pormenorizados na rede nebulosa do tempo. Em 1999, a Câmara Municipal de Portimão e as ed. Colibri, publicaram *O Cristal da Palavra*. Car-

¹ Correspondente à atual função de secretário da Assembleia Nacional Constituinte.

tas inéditas de M. Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira (que abarcam o âmbito temporal de 21 de março 1907 a 24 de dezembro 1921) e abriram um manancial de trabalho ainda à espera de ser explorado. Embora Vitor W. Ferreira, responsável pela transcrição e notas dos autógrafos, deixe nota algumas falhas no conjunto editado, a verdade é que a justificação de uma nova edição só nasce se e quando as missivas correspondentes de ALV para MTG forem encontradas. Assim, li e transcrevi (com variantes e ligeiras alterações que resultam de diferentes leituras) os textos epistolares manuscritos de MTG (presentes no espólio de ALV à guarda da Biblioteca Municipal de Leiria), mas foi a interseção com 3 autógrafos inéditos de ALV, digitalizados e acessíveis no sítio arquivístico da plataforma Casa Comum da Fundação Mário Soares e Maria Barroso (http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_6468), que me levou a considerar a oportunidade de tecer algumas considerações sobre a troca epistolar entre os dois homens durante o ano de 1913 (num total de 9 textos transcritos por mim na sequência do artigo), embora o conjunto também revele a existência de algumas missivas perdidas.

Lidas as cartas de MTG desde 1907, não se estranha as desculpas quanto aos períodos de silêncio, quer de um lado, quer do outro, mas a partir de 1911, com a instalação na legação de Londres, é admissível que as notícias dos amigos fossem mais necessárias e lhes dedicasse todo o seu tempo livre, por mais que as funções da embaixada o assoberbassem. Porém, distanciados de quase duas décadas, quando se terá iniciado o seu reconhecimento e convívio social? Em *Apontamentos, extratos dos cadernos de notas* de MTG, do póstumo *Londres Maravilhosa...* de 1942, encontra-se a seguinte indicação, relativa ao dia 24 de abril de 1905:

[...] Logo saímos o Fialho e eu da livraria e ao chegar em frente da V.^a Cardoso 13, na companhia do Correia de Oliveira estava o poeta Lopes Vieira que se me apresentou ele próprio. Fino como um *biscuit*, olhos de violetas de Parma, voz musical, feminina, velada e cansada, elegante como um figurino elegante, o A. L. Vieira fez-me a apologia da Suíça, que eu rebati com argumentos de chalaça. Figura típica no entanto e que o Fialho afirma ser alfobre de raras qualidades intelectuais e morais. [...] (Obra completa de MTG, Vol. III: https://impresanacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 473)

Afigura-se natural que tivesse sido o jovem poeta a apresentar-se ao mais velho e já conhecido no meio literário MTG. Note-se como o local era a livraria Viúva Cardoso, responsável por algumas das edições de ALV, e este

se encontrava na companhia de António Correia de Oliveira (1879-1960), também ele literato e da sua geração. A presença de Fialho de Almeida (1857-1911) traria a presença da autoridade crítica do meio artístico às duas gerações, como as palavras de MTG nos permitem perceber.

De 19 de janeiro de 1918, regista episódio com Sidónio Pais, que levará ao seu pedido de demissão de ministro plenipotenciário em Inglaterra:

Sidónio Pais — Fui vê-lo. Falou-me da atitude da imprensa inglesa e disse-me que não tinha havido por parte da legação a necessária propaganda sobre a Revolução de 5 de Dezembro; respondi-lhe que a ação da legação sobre a imprensa inglesa era nula. Replicou-me que em Berlim tivera a imprensa sob a sua influência sem ter empregado outros meios além da persuasão e como eu lhe observasse que a atitude da imprensa fora favorável ou pelo menos não fora hostil à revolução, queixou-se de um artigo do *Times* (correspondência de Lisboa) que apareceu em 8 do corrente. Depois disse-me que houvera na minha atitude para com os negócios da guerra uma mudança; expliquei-lhe que a minha atitude fora sempre cumprir a Aliança e não entrar na guerra sem que fosse convocada a Aliança. Disse depois que a atitude que eu tomara na Inglaterra, de resto, cumprindo as instruções do meu Governo, me incompatibilizou com a defesa do caminho que este Governo agora queria seguir e assim julgava que eu devia pedir a demissão. [...]

(Obra completa de MTG, Vol. III: https://impresnanacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 492)

E em 1 de fevereiro de 1918, anota que ALV será um dos amigos a fazer-lhe companhia nesse momento difícil da sua vida política, o que evidencia como as suas relações se tinham estreitado da simples e mais superficial apresentação ao círculo dos próximos, como presença constante, bem-vindo mesmo entre os familiares:

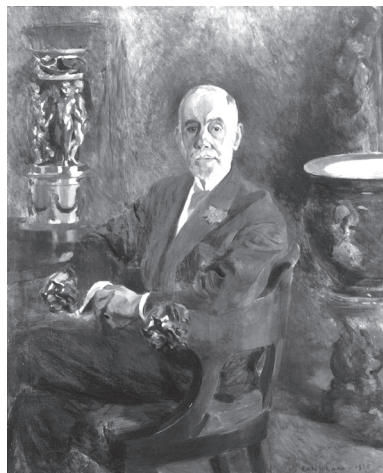
Veio a minha sobrinha visitar-me e veio também o sobrinho António, que está em vésperas de partida para França. À tarde o A. de Vasconcelos, que passou a noite comigo até depois das 12, e A.L.V.^a. O Camacho há três dias que não aparece. Dizem-me que parte esta noite para Braga onde conferenciará sobre a Lei da Separação. (Obra completa de MTG, Vol. III: https://impresnanacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 494)

O meio intelectual lisboeta não era tão grande que impedisse o núcleo de notáveis de se encontrar, ao sabor das circunstâncias do instante conjuntural.

O primeiro texto transcrito por mim, a carta de 16 de janeiro de 1913, remetida por ALV para MTG, quando este se encontrava em pleno nas suas funções na legação de Londres, é revelador disso.

Veja-se como o poeta, em Lisboa, continuava a obter notícias do político, em Londres, através do irmão (provavelmente José Teixeira Gomes, que lhe sucedeu nos negócios familiares) e de Brito Camacho (1862-1934), médico militar, escritor, publicista e político, diretor do jornal *A Lucta*. Camacho seria igualmente um conhecimento comum, pois há pelo menos dois artigos de ALV referenciados em 1908 e 1909 nesse diário, e o seu papel na política republicana será de importância. A referência a (Tomé) José (de Barros) Queiroz (1872-1926) – político republicano, da facção dos liberais (militou entre 1911 e 1919 no Partido dos Unionistas) do período da Primeira República, exerceu os cargos de deputado, ministro das Finanças (entre 1915 e 1916), ministro da Instrução Pública e presidente do Ministério (equivalente ao atual Primeiro-Ministro, entre maio e agosto de 1921), membro da maçonaria (desde 1912) – e à sua tentativa de suicídio, ocorrida logo no início de 1913, mostra-nos como o círculo de personalidades ilustres era comum e ligava os dois correspondentes. A frase com que termina a carta, mostra como ALV tinha a sua posição de artista distanciada da de político, fugindo sempre dela (o que é uma ironia, sendo o destinatário da carta quem era...): “Enquanto os estetas disparam tiros nos miolos, os políticos bailam a sua ronda.”

O mesmo acontecia com Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), venerado pelos dois amigos, a quem tinha feito os retratos oficiais: o de ALV em 1910 (MNAC-Museu do Chiado, inv. 1602) e os de MTG em 1911 (MNAC-Museu do Chiado, inv. 646-A) e posteriormente, em 1925, enquanto Presidente da República (museu da Presidência da República). Pelas cartas seguintes de MTG (vd. *O Cristal da Palavra*, 1999) conclui-se que ALV foi sempre o intermediário natural e seguro para chegar a Columbano, de cada vez que MTG, em Londres, necessitava de algum préstimo do artista, então em Lisboa.



Manuel Teixeira Gomes, por Columbano
(Museu da Presidência da República)

A troca de livros entende-se como uma cortesia normal e habitual; em janeiro de 1913, ALV pode estar a referir-se a *Poesias de Heine, Canto Infantil* ou *Bartolomeu Marinheiro*, pois todos tinham sido editados durante 1912, e é possível que o diminutivo de ‘lusos poemazinhos’ se referisse a esta sua missão clara na área da literatura infantojuvenil, que MTG nunca seguiu. Em cartão de 3 de março de 1913, MTG agradece o volume *Poesias de Heine* e chama a atenção para a excelência do trabalho tipográfico, possivelmente com a mão de Columbano.

A carta de 2 de fevereiro de 1913 de MTG sinaliza os compassos de espera dos correios e faz uma síntese dos problemas de saúde e do exercício da carreira de embaixador, iniciada a 8 de abril 1911 e, portanto, a escassos meses de completar os dois anos de duração. Refere-se a um possível candidato ao lugar – o polémico (Domingos) Eusébio da Fonseca², em Londres desde novembro de 1912 para tratar de assuntos da Fazenda das Colónias, sobretudo a controversa questão da comercialização do ópio com Macau, Hong Kong e a Índia – e ironiza com a qualidade dos *tipos maravilhosos* de portugueses que lhe permitirão a ele descansar da sua árdua missão.

Irónica é também a referência a Amadeu Ferreira d’Almeida de Carvalho (1876-1966)³, adido da legação e responsável por conferências sobre Camões em Londres, cuja qualidade, segundo ele, muito deixaria a desejar – daí o aviso a ALV e a satisfação por se ir finalmente ver livre dele: “O que eu aturei

² Em novembro de 1912, Domingos Eusébio da Fonseca, diretor geral de Fazenda das Colónias, partiu para Londres, incumbido pelo Governo de negociar um acordo que permitisse o fornecimento inglês de matéria prima para a destilação de bebidas alcoólicas na Índia Portuguesa. Este objetivo inicial alargou se, integrando também o acordo de comércio do ópio, comum a Macau e a Hong Kong. Em ambos os casos estamos perante questões relevantes para a economia colonial, sempre dependente de espaços adjacentes, particularmente das colónias britânicas. No entanto, o posicionamento foi divergindo de acordo com as necessidades. Eusébio da Fonseca era, à data da partida, uma personagem envolta em controvérsias e sobre quem estava a ser realizado um inquérito parlamentar. O prolongamento da sua estadia aumentou a contestação, sobretudo partidária, aos seus interesses e aos resultados da missão. (Reis, 2019, <https://doi.org/10.23906/ri2019.61a02>)

³ Diplomata de carreira com incursões mais ou menos conseguidas no mundo da escrita, mecenas e promotor das Artes, figura coquete e de porte altivo, vaidoso e dono de um ego forte (que por vezes parece alimentar à base do autoelogio), dos traços de personalidade de Amadeu Ferreira d’Almeida de Carvalho sobressaem, acima de tudo, a generosidade e o altruísmo, patentes na sua constante entrega à causa pública, mas principalmente através do legado com que havia de presentear a sua cidade natal e os seus conterrâneos. (Santos, 2019, https://www.academia.edu/45504105/CONTRIBUTOS_PARA_A_BIOGRAFIA_DE_UM_ILUSTRE_FARENSE)

durante estes dois abomináveis anos a esse sr. Amadeu!". É provável que Almeida de Carvalho, natural de Faro e estudante de Direito em Coimbra, fosse conhecido do passado juvenil e estudantil de ALV, como reconstitui o investigador Marco S. Santos, em contributos para a biografia do diplomata interessado pela arte:

[...] Na Coimbra da viragem do século ter-se-á cruzado e convivido com outros futuros grandes nomes da cultura portuguesa tais como Augusto de Castro (1883-1971), depois seu colega na carreira diplomática, ou os poetas Afonso Lopes Vieira (1878-1946), Augusto Gil (1873-1929) e Fausto Guedes Teixeira (1871-1940). Seu colega de curso e porventura amigo terá sido também o poeta João Lúcio Pousão Pereira (1880-1918), natural de Olhão, com quem partilha as raízes algarvias e o gosto pela escrita. Em 1904, já formado em Direito, Amadeu Ferreira d'Almeida instala-se em Paris, cidade que tinha visitado por ocasião da recente Exposição Universal de 1900. Decidido a abraçar a carreira diplomática, na capital francesa estuda Direito Internacional. [...]

[...] Após a Implantação da República, não obstante a conhecida simpatia pela causa monárquica, Amadeu Ferreira d'Almeida, continua ao serviço dos Negócios Estrangeiros. Em Londres integra a equipa do então ministro plenipotenciário de Portugal, o também algarvio Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), futuro Presidente da República (1923-1925), que na correspondência trocada entre ambos trata por "Ex.mo Sr. e prezado Chefe", mas pelo qual, segundo consta e se depreende de alguns dos seus escritos, não nutriria particular simpatia. Em Londres vai permanecer até ao ano de 1913. [...] (Santos, 2019, pp. 167-8)

Mais tarde, já em 1914, será adido na embaixada do Brasil, onde se dedica à ideia da construção de um monumento a Camões. A verdade é que nenhum destes dois relacionamentos menos felizes de MTG o fazem esquecer o trágico incidente da tentativa de suicídio de José Queiroz e é notório que no dia 3 de fevereiro, um dia depois da carta, a preocupação com o estado dele o leve a enviar novo postal. O pendor humano dos dois amigos, a sobrepor-se às divergências políticas ou às vicissitudes próprias do meio literário, fica assim registado.

Em abril, durante o seu período de descanso da legação londrina e já em Portimão, o envio de jornais e notícias, que importam aos dois correspondentes, continua a ser uma constante. Faz alusão a um eventual desentendimento

de Viana da Motta (1868-1948) com algum artigo menos favorável, vindo a lume n' *A Lucta*, e retira-lhe toda a importância, relegando-o para o pragmatismo político de Camacho. O assunto dirá respeito a uma exposição de trabalhos femininos, na qual Viana da Motta se terá empenhado com exagero artístico, envolvendo até eventuais aproximações a Columbano, o que manifesta e frontalmente MTG julga dispensável: “Convem não exagerar chamando à baila um artista como o Columbano a propósito de trabalhos de agulha.” Afigura-se possível que tenha havido um encontro presencial entre ALV e MTG, em Portugal, com uma ‘*grande conversa*’ sobre a catástrofe política que o país atravessava. Termina com uma breve síntese da sua vida familiar: “Estou no paraizo, como julga, entre as minhas filhas e a mãe que ainda amo.”



Afonso Lopes Vieira, por Columbano

Porém, os postais de 1 de agosto, já de novo em Londres, revelam a inconstância e agitação da vida sentimental de MTG, e a intensidade da “página de romance” à época vivida é desculpa para o seu silêncio epistolar. Pede a ALV conselho sobre uma proposta de encenação que alguém do teatro lhe terá feito para o drama *Sabina Freire*. O bilhete postal de resposta, em 6 de agosto, permite perceber o à-vontade demonstrado por ALV no meio teatral: disponibiliza o endereço da pessoa que tinha feito a proposta, mas desacredita nas capacidades e na qualidade de uma

encenação que seguisse aqueles meios. Mais preocupado com a organização do seu Serão Artístico em Alcobaça, que se realizará em 17 de agosto no Mosteiro de Alcobaça (vd. Nobre, 2018), com a leitura do (então inédito) soneto dos túmulos por Augusto Rosa e a conferência “Inês de Castro na Poesia e na Lenda” (que será ainda nesse ano publicada em edição de autor, a demonstrar a importância atribuída), promete: “Escreverei longamente após o dia 17, q me absorve todo – e quasi me faz esquecer de mim!”

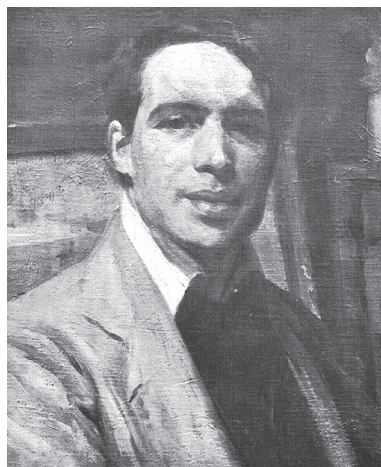
Pelo postal de 25 de agosto de MTG fica explícito que existiu uma carta de 22 de agosto de ALV (até agora desconhecida), onde a promessa terá sido cumprida, com o programa completo do serão alcobacense, eventuais comentários, e a novidade de que a visita do pintor Adriano Sousa Lopes à

legação de Londres neste verão se deveu a indicações do poeta. Atarefado (e provavelmente a viver na euforia de uma paixão), o laconismo de MTG pode preencher-se com as duas cartas por ele endereçadas 14 e 16 anos mais tarde a Sousa Lopes, em 4 de abril de 1927 e 14 de março de 1929, que nos mostram como dessa apresentação/recomendação resultou uma apreciação funda pelos trabalhos pictóricos do pintor, e para as conjecturas concetuais e artísticas de que o faria interlocutor nas suas reflexões epistolares. Mais tarde seriam julgadas suficientemente valiosas para serem incluídas em *Miscelânea*. Leiam-se os seguintes excertos de “Cartas ao Pintor Sousa Lopes (sobre a sua arte)”, enviados de Tunes, na Tunísia:

[...] Durante muitos anos, nas minhas digressões, nos meus passeios, me dei ao exercício de seccionar a paisagem em quadros, isolando-os e emoldurando-os, logo, em imaginação; e depois, consoante o carácter do trecho apreendido, conjecturar: como é que o Claude Lorrain o simbolizaria; que luz lhe escolheria o Turner; como soaria ali a nota idílica do Corot? E assim ia pedindo explicações a todos os mestres meus preferidos, que mas não regateavam, redobrando com os seus ensinamentos, e o sabor da sua poesia, o gozo que eu experimentava na contemplação da natureza.

Para a interpretação da paisagem portuguesa, aquela, por fim, que mais nos prende e interessa, por nos ser mais familiar, e porque a trazemos no sentimento, na inteligência, e até — poderíamos dizer, sem que fosse enormidade —, até no sangue, para essa interpretação a sua paleta aduziu conceitos inéditos, sínteses poderosas e empolgantes, sem prejuízo dos orvalhos de maviosa doçura, que lavam a alma, algo tenebrosa, da nossa gente.

[...] Que lhe posso eu dizer ainda para patentear melhor a admiração e o respeito que me inspira a sua obra? É somente voltendo à mágoa de a não poder agora estudar e fruir de novo, no portentoso conjunto da sua exposição, nem tampouco assistir ao merecidíssimo triunfo com que ela definitivamente o consagra, entre artistas, literatos, e poetas; e entre



Adriano de Sousa Lopes, Auto-retrato
(Museu Nacional de Arte Contemporânea)

amigos e... inimigos. [...] (Obra completa de MTG, Vol. III: https://impresanacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 197)

MTG deixa bem clara a sua posição de esteta, conhecedor e amante da arte da pintura, e como as descrições paisagísticas literárias se relacionavam com considerações pictóricas, naquilo que revela da sua própria memória visual. Nesta altura da segunda exposição de Adriano Sousa Lopes (na SNBA, a 14 de março de 1927, com catálogo prefaciado por José de Figueiredo e ALV), a sua consagração como pintor tinha-se já estabelecido com a série de pinturas sobre a Grande Guerra, e patenteava uma fase de esplendor impressionista de luz nas paisagens, quer geográficas quer humanas, numa miríade de cores que abrem horizontes para múltiplas interpretações.

A carta de 1929 revela que Sousa Lopes e MTG se tinham tornado correspondentes (embora não se conheçam até agora as missivas epistolares do pintor), e como, talvez conhecedor da participação do pintor na exposição internacional de Barcelona, em fevereiro (bem como da nomeação para diretor do MNAC, em 8 de abril, por aposentação de Columbano, com tomada de posse no dia 25 de abril, informação que quer a amizade de ALV quer a de Columbano lhe poderiam ter feito chegar por antecipação), assertivamente sossega o pintor sobre o seu valor, e revela as suas considerações estéticas sobre a arte:

[...] A sua carta de 31 de dezembro é toda ela um grito ardente de esperança no ano que ia começar; grito viril de batalhador vigoroso e infatigável, que, a braços com o inimigo, marcou um prazo para vencer, e há de vencer! Todas essas obras, empreendidas com tanta decisão, tanta coragem, tanta confiança nos seus próprios recursos, aproximam-se do fim, e vão dar-lhe definitivamente a prova do seu valor, da sua faculdade de realização, do seu poder, da sua arte, de arrancar à natureza os elementos que tornam os sonhos visíveis, palpáveis... Em toda essa magna série de trabalhos, de que eu conheço o bastante para lhes perceber o sentido, domina a composição, isto é, o espírito criador, ao qual tudo anda sujeito, e põe de antemão em movimento o formidável exército de adestrados fatores que entram na boa pintura: o rigor do desenho, a verdade da perspetiva, o resplendor da luz, o desfogo da atmosfera, a combinação das cores, o equilíbrio dos volumes... E no seu caso não há risco de que todo este antigo arsenal académico (tão indispensável, no entanto, à construção da obra de arte) o revoque ao estilo histórico do Le Brun, ou do David, cujo classicismo já não tem ressurreição possível. Eu considero o Sousa Lopes no caminho do

futuro «classicismo», de que se apercebe já, em todo o mundo artístico, o magnífico despontar. [...] (Obra completa de MTG, Vol. III: https://imprensa nacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 199)

Seguidamente, tece considerações de categorização sobre a analogia pintura-literatura, e sua receção pública, sem esconder a sua admiração (primazia?) de conhecedor entendido pelo trabalho da arte pictórica:

[...] Cada vez invejo mais a sua arte; tudo lhe serve de assunto sem perder o carácter universal; uma árvore, uma flor bastam. Na literatura, não. Componha um romance, um drama, uma novela, um conto, e logo o cenário o isola do resto do mundo. [...] O cenário, a linguagem local, os idiomas nacionais, quantas barreiras à expansão do mito, cuja apoteose mundial constitui o sonho dos poetas! Quem é que não entende a linguagem da pintura? Nada disto, porém, é talvez verdade. Como todas as artes plásticas, a pintura assume requintes a que somente são sensíveis os iniciados; e na literatura, quanto mais a linguagem se misturou ao sangue do poeta, melhor ele exprime as suas sensações — o que o deve satisfazer plenamente... [...] (Obra completa de MTG, Vol. III: https://imprensa nacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 200)

E termina, deixando vincada a sua incondicional admiração por mestre Columbano, que sabemos⁴ (e a carta o permite entender...) partilhada por Sousa Lopes, bem como pelo retrato do comum amigo Viana da Motta, de 1928 (MNAC-Museu do Chiado, inv. 640):

[...] O que me diz do retrato do Viana da Mota, pelo Columbano, encanta-me; tanto mais que o modelo me inspira também admiração sem mescla. Eu tenho como certo, ou muito provável, que vivendo o Columbano ainda alguns anos, sem que se lhe enfraqueça a vista, deixará desta derradeira fase telas porventura superiores, em largueza e na tonalidade, às obras-primas do seu passado. Será como o grande Frans Hals, de quem ele, afinal, é muito próximo parente, no temperamento e no génio. [...] (Obra completa de MTG, Vol. III: https://imprensa nacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos, p. 201)

⁴ A correspondência de Adriano Sousa Lopes para ALV, balizada entre 1903 e 1940, do espólio na BML, é elucidativa a esse respeito.

A carta de 15 de dezembro de 1913 de ALV para MTG mostra bem como a rede de conhecimentos comuns, e idêntica imersão numa cultura clássica atemporal, são lenitivos para aguentar a vida quotidiana e as pequenas angústias expressas nas *confissões de velhice*. ALV pressupõe a comunhão de um



Retrato de Viana da Mota, por Columbano

substrato ético e estético, a que a leitura de clássicos como Vergílio ou Anacreonte permite sustentar: “[...] todos os portugueses estão mais q velhos, estão caducos ao q parece, e oscilam entre estas duas situações moraes – a apatia morna e a violência brutal. Eu, como vivo cada vez mais apartado das coisas publicas e dos homens q as regem, pouco sei do q se passa – mas aqui cheira a cadáver, é o facto.” Dá notícias sobre o jornal *A Lucta*, mas confessa-se voluntariamente afastado das quezílias aí levadas a cabo, supostamente para não ficar como os *homens da* [sua] *geração* com os quais convive na Câmara dos Deputados / Assembleia da República. Admite invejar a posição de MTG, a quem atribui a ‘liberdade de um estrangeirado’: “Feliz é quem como V. está longe disto e pode portanto manter opiniões diversas das nossas q cá estamos.”

O modo como se refere à coletânea de 1914, com os trabalhos e dedicação a Gil Vicente empreendidos até aí por ALV, intitulada *Campanha Vicentina*, mostra como a considerava um legado patrimonial, que MTG apreciará completamente pelo seu aspeto gráfico e pelas ilustrações. A confissão que se segue – “Mas é-me totalmente indiferente q se ocupem do q eu escrevo gazetas e os seus críticos (se os houvesse).” – pode ser lida como uma reação crítica do adormecimento do mundo da crítica literária, durante a Primeira República em Portugal, que a intimidade deste diálogo cultural, ainda que fragmentado, coloca em questão.

Por esta parca antevisão do fragmentário diálogo epistolar entre ALV e MTG é possível compreender como haverá sempre grossas fatias do passado histórico e cultural que escapam ao futuro, mas que a investigação (e as novas

tecnologias de digitalização ao seu serviço) nos permite ir trazendo ao presente. O círculo comum de amizades e as múltiplas afinidades de gosto estético, assim como a partilha de uma posição ética na vida – eis algumas das premissas que podem ser ligadas à relação entre dois dos grandes vultos culturais da nossa cultura, nacional e internacional, de novecentos.

Referências Bibliográficas:

- Espólio da Biblioteca Municipal de Leiria: BML *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*.
- Fundação Mário Soares e Maria Barroso: plataforma Casa Comum (http://casa.comum.org/cc/arquivos?set=e_6468)
- Gomes, T. (2022). *Regressos. Miscelânea. Carnaval Literário. Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*. Obras Completas de M. Teixeira Gomes. Vol. III. Lisboa. https://impresanacional.pt/?w3n_livros_pdf=regressos
- Nobre, C. (2005). *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II. col. temas portugueses. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. ISBN: 972-27-1260-8. 668pp.
- Nobre, C. (2011). *AFONSO LOPES VIEIRA na correspondência e na imprensa da época*. apoio FCT. Imagens&Letras & IPL. Leiria. ISBN: 978-989-8153-24-1. 272pp.
- Nobre, C. (2018). Afonso Lopes Vieira: os Serões de Alcobaça como edificação de um património português e do mundo. *Patrimónios culturais: religião, espaço, turismo, cultura, literatura / Cultural heritage: religion, space, tourism, culture, literature*. Ed. Multilingue. Ver. por pares (vd. <https://www.ipleiria.pt/esecs/investigacao/edicoes/>). ISBN: 978-989-8797-21-6. pp. 96-115. **URI:** <http://hdl.handle.net/10400.8/3762>
- O Cristal da Palavra. Cartas inéditas de M. Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira* (1999). apr. Urbano Tavares Rodrigues e Vitor Wladimiro Ferreira. ed. Colibri & CMPortimão.
- Reis, C. (2019). A missão de Eusébio da Fonseca a Londres (1912-1913) e a economia da Índia e de Macau . *R: I / Relações Internacionais* , (61), 11-24. <https://doi.org/10.23906/ri2019.61a02>
- Santos, M. (2019). Amadeu Ferreira d'Almeida (1876-1966) - Contributos para a biografia de um ilustre farensense. *Anais do Município de Faro*. https://www.academica.edu/45504105/CONTRIBUTOS_PARA_A_BIOGRAFIA_DE_UM_ILUSTRE_FARENSE

Trocas epistolares em 1913 entre Afonso Lopes Vieira e *Manuel Teixeira Gomes*

1. 16 de janeiro de 1913
2. 2 de fevereiro de 1913
3. 3 de fevereiro de 1913
4. 3 de março de 1913
5. 28 de abril de 1913
6. 1 de agosto de 1913
7. 6 de agosto de 1913
8. 25 de agosto de 1913
9. 15 de dezembro de 1913

1. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08079.007>

Pasta: 08079.007 **Assunto:** Ausência de troca de correspondência entre Afonso Lopes Vieira e Teixeira Gomes. Livros de Lopes Vieira. Tentativa de suicídio de José Queirós. Trabalho de pintura de Columbano. Democráticos. Possível visita de Teixeira Gomes a Portugal em MAR.1913. **Remetente:** Afonso Lopes Vieira **Destinatário:** Manuel Teixeira Gomes **Data:** Quinta, 16 de Janeiro de 1913 **Fundo:** DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 2

[Carta com timbre da rosa e da espiga de trigo no canto superior esquerdo]

Querido e sempre lembrado Amigo, apesar do longo silencio meu – e do seu, q interpreto como V. interpretará o meu. Mas agora pesa-me já não lhe escrever – embora de si tenha sabido por seu irmão e pelo [Brito] Camacho. – Mas tanta coisa para lhe dizer eu tenho, q preguiça grande me vem de começar. Tenho cá para si dois livros meus, q lhe não mando porq calculo q a sua alma não estará para leituras de lusos poemazinhos, / e prefiro dar-lh'os cá. – Fiquei esta noite em casa; chove desabaladamente e estou triste. Passei a tarde toda no hospital de S. José, com o José Queiroz, q tentou suicidar-se com um tiro de revolver na cabeça, e está vexado de não ter morrido. Pobre rapaz! Não supunha q era tão amigo delle. Parece q um milagre permitirá q não fique cego.

O Columbano continua pintando e melhor q nunca. Concluiu uma obra prima agora, um retrato supremo de matriz. Quanta coisa a dizer-lhe, / querido

Amigo! Q ironia terrível conduz para a ruína inevitável, a menos que o Milagre de Ourique se não reproduza, esta pobre terra, onde as mulheres e a luz são tão bellas?

Eis os *Democráticos*! – Nous sommes tous rémunératirés et syphilisés, disse Baudelaire em 48. Q pensará V., q será da sua sensibilidade e q torturas sofrerá a sua intelligencia? Eu tenho, por minha banda, sofrido e vivido muito. Não com cuidados iguais aos seus, mas de não menor poder de concentração moral. – Quando / vem aqui? Seu irmão disse-me q para março. É certo? Tenho grandes saudades suas, e preciso matá-las. O meu enjôo dos homens é cada vez maior, e cada vez sou mais *agacé* e mais *agacento*. Só suporto os q amo – e V. é um deles. Aqui há só desalento e scepticismo, com a burguesia aspirando à Intervenção e o melhor povo emigrando para o Brasil. Entanto, continuo a bater-me com certa elegancia, pela minha parte. Estou arrependido de ter quebrado o silencio. Só lhe disse tolices e mal consegui encher um pedaço do meu serão. Chove, venta. Pobre José Queiroz! Enquanto os estetas disparam tiros nos miolos, os políticos bailam a sua ronda. Crua miséria! e q compensações nos q amâmos!

Seu sempre amigo ve.

16. Janeiro. 13.

Affonso

2. BMLALV — esp. *Correspondência [...]*, XIII, n.º 32]

— carta d. 2 de fevereiro de 1913

Londres, 2 de fevereiro de 1913

Querido amigo:

Entre 2 de setembro e 16 de janeiro (as datas das suas ultimas cartas) deram-se na minha vida alguns episódios de certa monta, entre os quaes avultam a “catastrophe” e a “influenza”. A primeira, já esperada, transformou-se na concha das mãos, em punhados de cinzas frias, os moldes de dois seios tépidos e elásticos, e logo tudo me soube a uva vasosa, azeda e sem sustância. A / [2] segunda entrou comigo, como o ladrão em casa pobre, e não encontrando para roubar nem o amôr nem a alegria levou-me esses restos de saúde que ainda me aguentavam. Ficou ainda um pouco de resignação philosophica, com tal alheamento de mim mesmo, que me seria fácil, agora,

escrever uma tragédia á moda antiga. Conhece o espirito d'esse género litterario, que abstrai dos sentimentos individuaes e joga com as forças da natura, symbolisadas no destino. Esperemos que o naufrágio não seja / [3 – página em falta] / [4] gar a carreira diplomática tão depressa completa dois anos de exercício, que terminam a 8 d'abril. É pouco mais ou menos a data em que devo largar Londres. Será V. capaz de adivinhar quem pretende á minha sucessão e n'isso trabalhar com probabilidades de exito? O Eusebio da Fonseca, director geral das finanças coloneais. Não sei, nem aproximadamente, quem seja esse Eusebio, mas tenho-o aqui em Londres, vai para três meses, e acho-o extraordinario de pitoresco e desenvoltura. / [5] Na verdade entre os portugueses encontram-se maravilhosos typos! Hurrah, pois, pelo grande Eusebio. – Parece-me que vou ficar livre, durante os 66 dias que me restam de exercício, do sr. Amadeu Ferreira d'Almeida de Carvalho. Julgo que partirá para aí brevemente em goso de três meses de licença. Vai colher os loiros das suas conferencias sobre Camões, e tratar da promoção, pois diz que tem direito ao reconhecimento do actual ministro dos Estrangeiros Hemorragias [?] asse- / [6] gura que elle próprio curou em Coimbra, ministrando-lhe com as mãos suaves as necessárias impressões. Vejam se lhe pedem que repita, em Portugues, a conferencia sobre Camões! O que eu aturei durante estes dois abominaveis annos a esse sr. Amadeu! Mas vou-me ver livre d'elle. Hurrah, pelo sr. Amadeu! – Ando com negros pressentimentos, que estranho porque os tenho pela primeira vez na minha vida. Não me faltarà a corda para levar estes [S. Gabriel?] ao cabo? –

Do C. / M. Teixeira Gomes

3. [BMLALV — esp. *Correspondência [...]*, X, n.º 121]

— **postal d. 3 de fevereiro de 1913** ["Windsor Castle from Brocas Clump"; correio de Londres] *

3-2-913

Querido amigo:

Escrevi-lhe hontem e depois de mandar a carta para o correio é que reflecti que a sua ultima carta, que era de 16 de janeiro, chegara aqui em 1 de fevereiro. Porque seria esta demora? Mas então a tragedia do Queiroz já tem mais de duas semanas em cima. Como está elle agora?

Do C. / Mne T Gomes

4. [BMLALV — esp. *Correspondência* [...], XIII, n.º 32]

— **cartão d. 3 de março de 1913** [com o timbre no canto superior esquerdo da 'Légation de Portugal / Londres' e a morada no canto superior direito: 12, Gloucester Place, Portman Square. W.] *

3-3-913

Querido amigo:

Duas linhas para acusar a recepção e agradecer o exemplar do precioso livrinho: "Poesias de Heine". / O trabalho typographico devia ter encantado o Columbano tanto como os versos delicias os poetas. Se fosse tolerável o maneirismo chamava-lhe um beijo [?] espiritual.

Do C. / M. Teixeira Gomes

5. [BMLALV — esp. *Correspondência* [...], XIII, n.º 32]

— **carta d. 28 de abril de 1913 ***

Portimão, 28 de abril de 1913

Querido amigo:

Obrigado pela remessa dos jornaes. O V.[iana] da M.[otta] figura entre as creaturas para as quaes eu desejaria escrever e isso lhe dará a medida da satisfação que me causou o que me disse. — O episódio da "Lucta" não tem a importância que lhe atribui. O [Brito] Camacho é politico (e ainda bem) com a faculdade de / "ligar"; se a exposição dos trabalhos femininos constituiu um museu de horrores (e eu que os vi que o diga!) não é isso razão para que não se louve d'uma forma geral o sentido da esthetica familiar que preside a taes trabalhos. Fiz, de improviso, uma "fala" humoristica e não fiquei mal comigo mesmo. Convem não exagerar / chamando á baila um artista como o Columbano a proposito de trabalhos de agulha. Entre nós o que falta é o sentimento das proporções (falta isso entre um milhão de outras coisas essenciaes) e se se animassem os lavores caseiros em termos com- / venientes abria-se caminho para chegar mais alto. — Mais ainda do que o costume me anda a imaginação trabalhando por sua causa depois da "grande conversa" que tivemos. Agora vou medindo bem o alcance da catastrophe. — Estou no paraizo, como julga, entre as minhas filhas e a mãe que ainda amo.

Do C. / M. Teixeira Gomes

6. [BMLALV — esp. Correspondência [...], X, n.º 121]

— **2 postais d. 1 de agosto de 1913** [‘BEACH HEAD, and “BELLE TOUTE” the old lighthouse’ e ‘99 LONDON. The Fountains, Kensington Gardens’; sem carimbo de correio em nenhum deles] *

1-8-913

Querido amigo:

Se eu lhe disser que tenho vivido, desde que cheguei a Londres, uma pagina de romance como nunca se escreveu nem inventou, nem talvez se viveu, compreenderá o meu silencio. Ando, naturalmente, empedernido para tudo que se não ligue com a estranha nouvelle! – Mas queria responder / ao Sr. Amadeu [?] de Barros, que me escreveu a carta cuja copia encontrará junto.

Necessito das suas informações sobre o homem e conselhos sobre a proposta que me faz. Preciso também noticias suas.

Do C. / M. Teixeira Gomes

7. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08079.008>

Pasta: 08079.008 **Assunto:** Festas de Alcobaça. Peça de teatro “Sabina”.
Endereço de indivíduo não especificado. **Remetente:** Afonso Lopes Vieira
Destinatário: Manuel Teixeira Gomes **Data:** Quarta, 6 de Agosto de 1913
Fundo: DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 2

[Bilhete postal com o timbre da rosa e da espiga de trigo; end.: Senhor / M. Teixeira-Gomes / 12, Gloucester Palce / Portman Square / Londres; verso com timbre no canto superior esquerdo da Casa de S. Pedro]

Querido Amigo: não o tenho esquecido desde a nossa despedida por noite velha, e estava à espera q se fizesse a festa rara de Alcobaça para lhe escrever e mandar o programa. Não faço ideia segura do *homem*, mas supponho q sairá em todo o caso uma *Sabina* tão distante ou sonhada como nós estamos longe do Alpha do Centauro! Resultado – a peça ia e V., não a vendo, livrava-se de se arripiar horivelmente! É o q lhe posso sinceramente dizer, querido amigo. Não tem mulher q faça aquilo, nem de longe, – eis a minha opinião. V. decidirá. Escreverei longamente após o dia 17, q me absorve todo

– e quasi me faz esquecer de mim! /

O endereço do homem é:

– R. Bernardo Lima, A.M., 2, rés do chão (ao Conde Redondo). Muito saudar, Amigo fiel / Affonso

S. Pedro de Muel (Marinha Grande) 6-Agosto-1913

8. [BMLALV — esp. *Correspondência* [...], X, n.º 121]

— **postal d. 25 de agosto de 1913** [‘LONDON – in Hyde Park at night’; correio de Londres] *

25-8-913

Querido amigo:

Recebi a sua carta de 22, o programa da festa e a carta d’apresentação que o seu primo, que eu muito estimei conhecer, me entregou antehontem. Muito obrigado por tudo e perdoe este meu laconismo que a intensidade – invejável – da minha vida no momento actual explica.

Do C. / Man. Teixeira Gomes

9. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08079.009#11>

Pasta: 08079.009 **Assunto:** Encontro de primo de Afonso Lopes Vieira com Teixeira Gomes. Estado de espírito dos portugueses e de Lopes Vieira. Jornal A Luta. Livro “A Campanha Vicentina”. **Remetente:** Afonso Lopes Vieira **Destinatário:** Manuel Teixeira Gomes **Data:** Segunda, 15 de Dezembro de 1913 **Fundo:** DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes **Tipo Documental:** Correspondência **Página(s):** 2

[Carta com o timbre do ex-libris ‘MIREMUR’ no canto superior esquerdo]

Querido Amigo:

Hoje o meu primo trouxe-me noticias suas, e de como V. fôra encantador para elle, de guisa q o moço vinha cativado.

Espero q V. recebesse a minha carta escrita em S. Pedro, na véspera da partida, na qual eu respondia à sua espantosa / confissão de velhice. De certo, todos os portugueses estão mais q velhos, estão caducos ao q parece, e

oscilam entre estas duas situações moraes – a apatia morna e a violencia brutal. Eu, como vivo cada vez mais apartado das coisas publicas e dos homens q as regem, pouco sei do q se passa – mas aqui cheira a cadáver, é o facto. Cadaver de energias, de esperanças, de ilusões. E os filósofos da Lucta / começam mesmo a dobrar os sinos. O meu espirito, porem, não se ocupa de cousas taes – não tem ocasião para isso. *Nesse tempo, eu, Vergilio, entre ócios vão florir...* Não serão ócios vão esses em q eu floresço; mas na minha alma, onde abundam cuidados, não logram entrar cuidados pelas colonias. Estou perenemente enfermo e convalescendo, ansioso e encantado. E caio muitas vezes em grande melancolia. – Publicarei como testamento um livro – *A Campanha Vicentina*, onde V. verá belas ilustrações. Mas é-me totalmente indifferente q se ocupem do q eu escrevo gazetas e os seus críticos (se os houvesse). /

Feliz é quem como V. está longe disto e pode portanto manter opiniões diversas das nossas q cá estamos. Encontrei na Camara bastantes homens da minha geração, e fizeram-me pena. – Imagino q a sua velhice estará fresca e roxa como a do Anacreonte. Aqui há uma única compensação, mas a melhor de todas para os olhos dos estetas – a Mulher, q as ultimas modas fazem ineditamente graciosa. Mas eu saio pouco, vivo assás embiocado e quero ter um inverno e uma primavera isentas de exhibições teatraes e mundanas.

Falei demais de mim, sem dizer nada. Adeus, querido Amigo, bem sabe q o lembro sempre com saudades.

Affonso

15 dezembro

OBS. – Os textos epistolares assinalados com * já se encontravam transcritos em *O Cristal da Palavra* (1999), embora contenham pequenas variantes, resultantes da minha leitura interpretativa.

